

RECENSÕES

Tavares, S. S., *Jesus: parábola de Deus*. Cristologia narrativa. Petrópolis, Vozes, 2007, 96 p.

O autor é frade franciscano, doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Antonianum (Roma), professor desta mesma disciplina no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis (RJ) e coordenador do Curso de Pós-Graduação lato sensu — Espiritualidade, Ecologia e Educação: uma abordagem transdisciplinar.

Sinivaldo Tavares é um dos maiores conhecedores da cristologia latino-americana. Sua tese de doutorado, *Il Mistero della Croce nei teologi della liberazione latino-americani*, publicada em português,¹ já o apresentava como um teólogo promissor. Frei Sinivaldo prosseguiu publicando livros e artigos de grande qualidade, especialmente nas áreas de cristologia, Trindade e eclesiologia.

Embora seja impossível redigir uma *biografia* ou uma *vida* de Jesus de Nazaré, o interesse pelo Jesus histórico é a espinha dorsal da chamada cristologia narrativa, que se ocupa prioritariamente com o que podemos conhecer a respeito de Jesus. Adquirem destacada importância, entre outros temas, a maneira como Jesus viveu, seu jeito de ser, seu modo de agir e o seu ministério público. O envolvimento de Jesus com o Reino de Deus também é frequentemente abordado de modo enfático pela cristologia narrativa.

A obra de Sinivaldo Tavares, na esteira de outras bem-sucedidas Cristologias narrativas, *salienta as relações constitutivas da existência histórica de Jesus: o seu contínuo referir-se ao Reino de Deus e sua íntima relação com o Pai, experimentado como o Deus do Reino*. Inspirado pela cristologia de Jon Sobrino, o autor ressalta a necessidade irrenunciável de resgatar a figura de Jesus a partir de uma dupla tarefa: teologizar a figura de Jesus a partir da sua história, vida e destino e considerar que não se pode historizar Jesus sem teologizá-lo. O retorno à *história de Jesus* é justificado pela legítima preocupação de tutelar a integridade da fé em Cristo.

Cinco breves capítulos apresentam os principais e mais significativos eventos da vida de Jesus de Nazaré, apontando sempre para a dialética *teologizar-historizar-teologizar*. O primeiro capítulo: *Jesus anuncia e torna presente o Reino de Deus* destaca, entre outros temas, o modo original com o qual Jesus anuncia o Reino de Deus, sua intimidade filial para com seu Pai, o acolhimento que faz das

¹ *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo*. Petrópolis, Vozes, 2002.

interpelações divinas, sua autoridade sem precedentes, a profunda coerência entre gestos e palavras, seu jeito acolhedor, respeitoso e dialógico, a ternura pelos pobres e pecadores, pelas mulheres e pelos inimigos. Ao testemunhar o jeito de ser do Pai, o próprio Jesus apresenta-se como *Parábola de Deus*, remete à realidade íntima do **próprio Deus sem sucumbir à tentação de definir, delimitar ou enquadrar arbitrariamente a grandiosidade do dom de Deus.**

Tendo como título *Paixão e morte de Jesus*, o capítulo segundo aborda os temas essenciais sobre o assunto, destacando sobretudo a liberdade com a qual Jesus acolheu a própria condenação e morte de cruz. A partir de numerosas e bem escolhidas citações bíblicas, o autor acentua e descreve de modo original *A dignidade do Crucificado*.

Falando sobre o modo como Jesus encarou sua própria morte, o autor tem o cuidado de descartar duas posições extremas e infundadas: O exagero de quem vê Jesus prevendo e predizendo tudo sobre a própria morte e até premeditando-a, desde o início de seu ministério e o erro de quem imagina um Jesus apenas suportando, passivamente, a morte, sem jamais tê-la previsto ou comentado.

A ressurreição de Jesus e efusão do Espírito Santo são os principais temas abordados pelo terceiro capítulo. Utilizando como expressão-chave a certeza de que *O Crucificado é o Ressuscitado*, o autor descreve com precisão o alcance, o significado e o realismo da ressurreição de Jesus como a maior obra de Deus.

O importante tema da relação entre Trindade e Cristologia é brevemente abordado no capítulo quarto. A referência direta entre *Jesus Cristo e a comunhão trinitária* é destacada e muito bem comentada em diversos e significativos eventos da vida histórica de Jesus de Nazaré: Anunciação, Batismo, Tentação no deserto e Transfiguração.

O capítulo final ocupa-se da questão cristológica decisiva por excelência: *Quem é, afinal, Jesus Cristo?* A resposta, elaborada com o instrumental e com as características mais evidentes do estilo *narrativo* de fazer cristologia, tem como pressuposto a propalada constatação de que não é possível elaborar uma biografia de Jesus. Mais do que informações históricas sobre Jesus de Nazaré, os evangelhos oferecem o testemunho de fé das comunidades cristãs que reconheceram o pregador galileu como o seu Senhor.

A relação dialética entre o Jesus Histórico e o Cristo da Fé também é apresentada com clareza e propriedade. O testemunho de fé das comunidades cristãs de todos os tempos, vinculado à multissecular tradição eclesial – que tem na *Definição* do Concílio de Calcedônia (451) o seu apogeu cristológico-doutrinal – apresenta uma legítima e adequada concepção de Jesus Cristo. A fé de Calcedônia é apresentada como uma evolução importante, no sentido de facilitar a compreensão de quem é Jesus. Ao mesmo tempo, a existência histórica de Jesus constitui a *referência fundamental para todo e qualquer desenvolvimento ulterior da pregação do Evangelho*.

Sinivaldo Tavares escreve com muita clareza e objetividade. É exato e conciso na exposição dos temas, conservando o cuidado

sempre bem-vindo de indicar de modo sistemático as principais referências escriturísticas. Mesmo o leitor que tem pouca familiaridade com o horizonte acadêmico da teologia poderá compreender o coerente e equilibrado desenvolvimento do assunto.

A leitura deste livro oferece, através de um itinerário seguro, todos os tópicos centrais da reflexão cristológica. O leitor entrará em contato com uma visão de Jesus Cristo contextualizada no ambiente latino-americano. Frei Sinivaldo oferece-nos uma cristologia narrativa inteligente, breve e atualizada. Não se propõe a apresentar um *tratado* completo sobre o tema, mas desperta o interesse para a oportuna aventura de conhecer e seguir Jesus de Nazaré.

Esta é uma obra que pretende narrar a história de Jesus de um modo simples, porém não superficial, tendo por objetivo levar seus leitores ao discipulado. Para buscar respostas acerca da identidade de Jesus não basta apenas uma pré-compreensão doutrinal, ainda que formulada de maneira ortodoxamente exata. A verdadeira fé em Jesus Cristo depende do irrenunciável retorno à *história de Jesus* e da disposição sincera de segui-lo. O seguimento é o melhor, o mais fecundo e o imprescindível caminho para conhecer Jesus. Ele não é realmente conhecido de outra maneira.

Carlos Eduardo Catalfo

Tavares, S. S., *Trindade e criação*. Petrópolis, Vozes, 2007, 280 pp.

O autor já foi previamente apresentado na recensão anterior, por ocasião da apreciação do seu livro *Jesus: parábola de Deus*. Cristologia narrativa, publicada nesta mesma edição da *Revista Espaços*.

A presente obra de Sinivaldo Tavares, que integra a Coleção *Iniciação à Teologia*, propõe-se, como assinala o próprio autor, a ousada tarefa de discorrer acerca da Trindade Santíssima: o mais inefável dos mistérios de nossa fé. Três questões de fundo justificam a intenção e o trabalho do autor: *Pode até soar demasiadamente irreverente que um jovem teólogo se atreva a fazê-lo* (discorrer acerca da Trindade). *Todavia, como não assumir com gravidade a incumbência de dizer uma palavra acerca daquele que se revelou na trama de nossa vida mediante simbólica tão familiar? Como se furta a dizer uma palavra, nem que seja balbuciada, preparando-se para a surpresa da pobreza da coisa dita? Pois, em última instância, não é melhor dizer algo do que permanecer calado, como se não se tivesse nada para dizer?*

Inspirado pela reflexão trinitária de Karl Rahner, um gigante da teologia do século XX, frei Sinivaldo aborda o mistério da Trindade a partir de suas *sutis pegadas impressas na trama bíblica da história da salvação*. O autor confessa, já no *Prólogo* de seu livro, ser devedor

da formulação rahneriana do chamado *axioma fundamental* da teologia trinitária: *a Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa*.¹ Comentando o axioma de Rahner, Sinivaldo estimula o leitor a experimentar o mistério de Deus, insistindo com ênfase em um importante pressuposto de toda a teologia da revelação, a saber: *Deus não pode não revelar aquilo que Ele mesmo é desde sempre*.

A obra está dividida em quatro partes principais, sendo que cada uma delas é uniformemente constituída por quatro capítulos. No final de cada capítulo são apresentadas três questões que orientam a reflexão sistemática do tema. Após cada capítulo há uma indicação precisa da bibliografia básica sobre o assunto desenvolvido.

A primeira parte, *A Trindade Santa nas Sagradas Escrituras* destaca dois temas principais: A manifestação da Trindade no mistério pascal de Cristo e na existência histórica de Jesus; A singularidade da salvação cristã, que inclui a comunidade humana, a História e o Cosmos. O ponto de partida é a apresentação do evento pascal de Cristo como *mistério primordial da fé cristã*. Jesus insere-se na realidade íntima do próprio Deus e revela a grandiosidade do mistério trinitário.

Apresentando o modo através do qual Jesus se nos manifesta como a plenitude da revelação de um Deus Trindade, o autor leva o leitor a pensar que a paternidade de Deus não é um *acréscimo* ao ser divino nem à *definição* de Deus, mas é a *última definição* de Deus. Ele é o criador, a origem do mundo, o princípio sem princípio, mas Deus é, sobretudo, o Pai de Jesus Cristo. Esta relação paterno-filial tem uma história progressiva de manifestação. A vida de Jesus é um crescimento na demonstração desta relação Pai-Filho.

Com o título *A experiência da Trindade Santa e suas interpretações*, a segunda parte aborda, entre outros temas, o dogma trinitário: sua interpretação e explicitação; a sintaxe e a semântica trinitárias. O último capítulo desta segunda parte oportunamente destaca que Basílio Magno, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa ofereceram a contribuição decisiva para a formulação da teologia da Trindade. A partir de fragmentos muito bem escolhidos, o autor apresenta uma bela síntese de textos trinitários dos padres capadócijs.

A terceira parte da obra apresenta o complexo tema das *Distintas abordagens do mistério da Trindade Santa*. O autor descreve com clareza quatro dimensões essenciais: a pericorese trinitária,² a unidade da natureza divina e a trindade das pessoas, a reciprocidade entre as pessoas divinas e, finalmente, a comunhão infinita que caracteriza as pessoas divinas.

Aqui, a reflexão de frei Sinivaldo Tavares alcança contornos exemplares de profundidade e de erudição. Através de um detalhado excursão histórico, ele apresenta as principais etapas e os fundamentos da linguagem eclesial sobre o mistério do Deus Trino. O leitor tem a oportunidade de intuir, entre outras questões, que a linguagem eclesial sobre a Trindade não se reduz ao mero esforço de harmonizar a divindade do Pai não gerado com a do Verbo divi-

¹ Sobre a formulação do *axioma fundamental* da teologia trinitária veja, por exemplo, a obra de L. F. LADARIA, *O Deus vivo e verdadeiro*. O mistério da Trindade. São Paulo, Loyola, 2005, pp. 37-52. Atual secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, Ladaria lembra que o *axioma fundamental* significa (...) *em outras palavras: Deus uno e trino revela-se na economia, tal como é sua vida imanente: através da revelação de Cristo temos um verdadeiro acesso à teologia (...) só a partir da revelação acontecida em Cristo tem sentido que falemos do Deus trino* (pp. 37-38).

² Segundo *Walter Kasper*, a doutrina da *Pericorese* é importante porque exclui qualquer tipo de triteísmo e de modalismo. As três Pessoas divinas não se misturam nem se separam.

no e com o dom incriado do Espírito. Deus comunica-se através da distinção das pessoas. A ação de Deus é unitária, mas não é indiferenciada. Ele age unitariamente, mas não age indiferenciadamente. A encarnação do Verbo é um exemplo cabal da ação unitária na máxima individualização. A ação da Trindade é diferenciada sem deixar de ser unitária. A dimensão trinitária não é suprimida.

A quarta e última parte do livro ocupa-se do tema *A Trindade Santa e os desafios do nosso tempo*. De acordo com o autor, a Trindade deixa *vestígios, pegadas, imagem e traços* na trama da criação, nos sulcos da história, no seio da Igreja e no rosto da pessoa humana. Todos os capítulos desta quarta parte propõem a relação entre a doutrina trinitária e a realidade humana concreta. Aqui, o discurso sobre o mistério de Deus é desenvolvido a partir dos *sinais dos tempos* e das questões existenciais formuladas pelas exigências do homem moderno. Ganha especial ênfase a razão pela qual o autor relacionou, já no título da presente obra, os temas *Trindade e Criação*.

A História da Salvação é a epifania concreta da Trindade. São manifestados os desígnios do Pai, a encarnação do Filho e a ação do Espírito Santo (não em chaves separadas). A Trindade é um Mistério, mas não é um absurdo. Há uma coerência, uma lógica. Compreender o Mistério trinitário supõe uma adequada compreensão sobre o Pai, sobre o Filho e sobre o Espírito Santo. O Mistério de Deus é verificável no sentido de confrontar com o *kêrigma* bíblico.

O autor escreve com destacada desenvoltura. É claro na exposição, coerente e equilibrado no desenvolvimento do tema. A leitura desta obra oferece uma visão panorâmica e bem sistematizada sobre a doutrina trinitária. O leitor vai encontrar um roteiro lógico e coeso. Frei Sinivaldo oferece-nos um texto literariamente bem construído, cuja leitura tornar-se-á agradável e envolvente.

O escopo do presente livro é relacionar dialeticamente os temas *Trindade e Criação*, destacando a revelação do mais divino na profundidade do mais humano. Para buscar respostas acerca do jeito de ser de Deus é preciso, a partir de um decidido mergulho nas entranhas da humanidade, contemplar o conjunto da criação, da história, do cosmos. A economia da salvação é a decisiva e a mais evidente via que orienta a experiência e a fé cristã no Deus Trindade. Ele não é plenamente conhecido senão através do mistério paschal de Jesus Cristo, salvação de todos.

Carlos Eduardo Catalfo

Garcia Rubio, A. (Ed.), *O humano integrado*. Abordagens de Antropologia Teológica. Petrópolis, Vozes, 2007, 295 p.

O livro, *O humano integrado*. Abordagens de Antropologia Teológica, organizado pelo conhecido teólogo espanhol, radicado no

Brasil há muito anos, Alfonso García Rubio, traz uma preocupação fundamental que pode ser resumida na busca, a partir de uma visão holística, de compreensão do ser humano. A tarefa se apresenta como tentativa de resposta a um crescente reducionismo em todos os campos do saber e da própria compreensão do ser humano. *Lamentamos o reducionismo que a compartimentação moderna das diversas disciplinas científicas trouxe para o conhecimento. E, que certamente, afetou também a reflexão teológica* (p. 7). O autor afirma ainda que a obra procura discutir, a partir da antropologia teológica, o desafio teológico-pastoral provocado pelos dualismos do passado e dos dias atuais, tendo presente a visão integrada do ser humano, como herança da tradição semita-cristã ao mesmo tempo em que se defende a articulação de outras dimensões do ser humano e da própria salvação cristã (p. 10).

O livro se compõe de dez capítulos, sendo que a introdução e o último capítulo foram elaborados pelo próprio organizador. Todos os colaboradores são ex-alunos do professor Rubio e mostram a mesma preocupação, isto é, dialogar criticamente com as diversas ciências e, se possível, enriquecer a reflexão teológica com as contribuições das diversas áreas do saber.

No primeiro capítulo o Joel Portella Amado enfrenta a questão da cidade como desafio para a evangelização. Assim, o tema central é a questão da liberdade no meio urbano, que se expressa como uma questão antropológica fundamental. O dilema do homem na cidade é a liberdade, que é explicitado na sua relação individual e grupal. O ser humano tem sempre mais dificuldade de acolher a alteridade, por isso a sensibilidade pastoral na cidade é provocada a enfrentar a defesa do *eu* em nome da liberdade. Sendo assim o enfoque pastoral deve considerar a individualidade como ponto de partida, mas sem cair no individualismo. Algumas atitudes que a pastoral urbana precisa priorizar são a acolhida individualizada, a escuta e o aconselhamento, muito mais pelo afeto do que pela burocracia, assim como pela revalorização da oração pessoal. Deve-se cuidar também a passagem do individual para o grupal para que seja o menos crítico possível (p. 46).

O segundo capítulo de Cláudio de Oliveira Ribeiro apresenta, a partir da leitura de Paul Tillich, a condição do ser humano diante de suas situações-limite, com o intuito de superar a forma fragmentária e ambígua das religiões. É próprio do nosso tempo as tentativas de fugas da realidade deste mundo e da realidade colidente do ser humano. Oliveira Ribeiro alerta sobre a reserva que a religião possui, sempre que for capaz de ajudar na percepção da condição de pobreza do ser humano, como possibilidade de sua força e esperança, que surgem dessa mesma realidade limitada.

No terceiro capítulo, Celso Pinto Carias estuda a resposta humana à revelação, não simplesmente desde o ponto de vista doutrinário, mas a partir de questões antropológicas atinentes à experiência da fé. A preocupação central do capítulo é com os crescentes

arrefecimentos da fé em nossos dias, que passa pelo reducionismo sentimentalista e mágico. É aprofundada a resposta humana e como tal, valorizada a condição humana nesse processo diante da oferta gratuita da salvação como iniciativa do Deus revelado.

A preocupação do quarto capítulo, estudada por Olga Consue-lo Vélez Caro, refere-se às questões epistemológicas. A autora segue as propostas do teólogo canadense Bernard Lonergan, que explicita a importância radical do sentimento no processo de conhecimento do ser humano, que é definido como o *ser capaz de conhecimento e ação moral*. É conhecido o duelo constante do sentimento, do coração, da intuição com a razão no ato cognoscitivo, e por muito tempo aceitava-se apenas a racionalidade como elemento fundamental do conhecimento. A autora procura mostrar que o ser humano não conhece apenas com a razão, mas também com *o seu mundo de intuições, afetos, sentimentos, tendências, estados emocionais etc.*, (que) *estão presentes durante o exercício de conhecer e determinam necessariamente esse processo* (p. 94). Interessa, deste modo, o resgate do ser humano integrado em vista da vivência do seguimento de Jesus Cristo.

No capítulo quinto, Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino faz uma interessante análise da relação entre a espiritualidade e a ética a partir da compreensão cristológica da comunidade joanina. A autora chama a atenção para o perigo constante da separação entre fé e vida, isto é, o dualismo entre espiritualidade e ética. A comunidade joanina mostra justamente a integração constante entre espiritualidade e compromisso ético com o outro.

No sexto capítulo, Maria Carmen Castanheira Avelar apresenta a proposta de diálogo da teologia com as demais ciências, esta vez, especialmente com a pedagogia. Nesse sentido a autora afirma que a teologia não é meramente pedagogia, mas não pode ignorar o seu compromisso educativo e revitalizador da fé. Assim sendo, a teologia que mantém a sua identidade e especificidade, e reconhece a autonomia dos outros saberes, *aproxima-se de uma verdadeira pedagogia da vida cristã, quando, em coerência com seu caráter prático, ocupa-se dos fins da fé cristã e busca procedimentos adequados à sua atuação* (p. 163). Para melhor ilustrar a possibilidade e urgência da teologia-pedagogia, a autora propõe a figura de Santa Teresa de Ávila como exemplo de teóloga pedagoga.

Lúcia Pedrosa de Pádua, no sétimo capítulo nos propõe Santa Teresa de Ávila como testemunho de uma espiritualidade integradora, capaz de perceber a vida do crente na sua totalidade. Daí a sua preocupação constante com a realidade contextual e com a vida concreta da sua época, assim como uma procura constante da integridade da condição humana, que passa pela realidade do corpo e do espírito, pela vida afetiva e pelo sentimento. Segundo a autora, *a palavra chave que engloba o testemunho de Teresa de Ávila é a integração dos diferentes âmbitos da realidade humana a partir da união com Deus*.

No oitavo capítulo, Marcos Antônio de Santana procura as implicações antropológicas do estudo da cristologia no seu movimento de *baixo* para o *alto*, a partir da reflexão de Wolfhart Pannenberg. A sua preocupação é superar simplificações e unilateralismos da compreensão cristológica na América Latina, que se expressam, por *um lado, com uma espiritualidade militante inspirada na teologia da libertação* e outra de cunho *pentecostal*. O autor na busca de resposta à dicotomia começa a estudar os evangelhos para depois propor o pensamento de Pannenberg. Constata que realmente nos quatro evangelhos e na perspectiva de Paulo há uma relação de complementaridade entre a cristologia ascendente e a descendente. Depois de analisar o estudo de Pannenberg conclui que a sua posição proporcionaria a superação dos dualismos e unilateralismos.

Joaquina Fernandes Pinto, no capítulo nove, estuda a questão pertinente sobre a possibilidade de integração da sexualidade e salvação, vistas quase sempre como opostas. A sexualidade é entendida como uma força de encontro e de comunhão e a salvação como o amor oferecido por Deus a todos os seus filhos. Assim ela necessariamente deve passar pela relação com o outro, pela alteridade. Neste sentido a autora privilegia o pensamento de Emmanuel Levinas sobre o outro, compreendido agora como *alteridade erótica*. A corporeidade é entendida como um dom, sinal da criatividade do mesmo Deus em nós e também como limite, fragilidade e diferença. É na alteridade, a partir do outro que o ser humano pode fazer a experiência da receptividade, e do amor gratuito de Deus na sua vida. Deste modo a sexualidade humanizada seria um lugar privilegiado da espiritualidade e da santificação.

No último capítulo, o organizador da obra apresenta os novos caminhos que a antropologia cristã está seguindo, procurando a sua fundamentação no testemunho bíblico e na rica tradição eclesial. Partindo da novidade permanente da revelação de Deus é possível vislumbrar uma nova visão sobre o nosso mundo e sobre o próprio ser humano, sem descuidar as vozes autorizadas dos diversos estudos e tendências da contemporaneidade. Pois mais do que nunca é necessário perceber o ser humano na sua totalidade, procurando superar os diversos dualismos. Deste modo, Alfonso García Rubio propõe e exorta para que a antropologia teológica, seja em ambientes científicos como no mundo cultural pós-moderno, aprofunde *de maneira prioritária, a realidade do ser humano como portador de sentido, um sentido dado pela liberdade criadora de e pelo amor que se fundamenta na fé no Deus criador-Salvador que é Liberdade e Amor* (p. 294).

Resta apenas dizer que, apesar de ser um livro de vários autores, é possível facilmente perceber a preocupação fundamental com a condição fragmentária da realidade humana e a necessidade de propor uma visão integradora a partir do diálogo enriquecedor com as diversas ciências.

Oscar Maldonado

Leers, B., *O Ministério da Reconciliação*: Uma ética profissional para confessores. Petrópolis, Vozes, 2008, 235 pp.

O livro, *O Ministério da Reconciliação*: Uma ética profissional para confessores, do sacerdote franciscano Frei Bernardino Leers, é um ótimo guia para os ministros da reconciliação.

Frei Bernardino aponta algumas qualidades e atitudes básicas que orientam aqueles que deveriam ser sinais de misericórdia de Deus e transmissores da alegria aos pecadores que voltam ao projeto do Pai. Dentro do sentido das Escrituras e da teologia atual, O Sacramento do Perdão é uma atualização das atitudes de Jesus Cristo para os pecadores convertidos.

O confessor e o penitente encontram-se num diálogo à luz da fé, favorecendo a simplicidade e espontaneidade do penitente e auxiliando o confessor a perceber seu estado de pecado perante Deus e à comunidade eclesial. Dá-lhe assim mais uma vez, confiança no perdão e na reconciliação com Deus Pai que o acolhe e nos irmãos e no mundo de que tinha se afastado.

O livro estimula o penitente a uma verdadeira conversão e a reassumir sua missão na Igreja e no mundo. A transparência e a sinceridade na confissão dos pecados graves são favorecidas pela compreensão do ministro e pelo seu auxílio fraterno. A principal tarefa do confessor é motivar ao genuíno arrependimento do penitente e conduzir ao propósito sincero de mudança de vida e praticar a penitência imposta como ascese de sua vontade para a prática do bem.

O penitente sincero e arrependido confessa seus pecados, recebendo a absolvição, celebrando a volta à vida divina e libertando dos sentimentos de culpa e de pecado. A história da volta do filho pródigo para a casa do Pai se atualiza assim nesse sacramento de reconciliação. O livro trata ainda de dificuldades especiais de certos tipos de penitente na reconciliação e também do segredo sacramental, fundamentando sua razão de ser.

Finalmente aborda questões específicas sobre as limitações de confissão auricular e as diversas formas de reconciliações sacramentais comunitárias, avaliando os prós e contras e os ritos penitenciais à luz da prática da fé eclesial.

O sacramento da reconciliação é compreendido como instrumento de libertação, de paz na sociedade de hoje, nos seus conflitos e na harmonia com a natureza.

Em síntese, recomendamos esse livro como manual para os confessores como guia para prática e ética profissional, sendo ministro da reconciliação e mediador do perdão, da graça divina e libertação dos sentimentos de culpas. O livro leva em consideração a teologia, as Sagradas e a prática de saber ouvir, entender e ajudar a sincera conversão, respeitando as condições específicas das pessoas.

Antonio Carlos Oliveira Souza

Xavier, D. J. – Freire da Silva, M. (Eds.), *Pensar a fé teologicamente*. São Paulo, Paulinas, 2007, 296p.

Pensar a Fé Teologicamente é um livro que pretende ser uma reflexão sobre o conceito de fé cristã como fundamento para a teologia, como ponto de partida para elaboração dos conceitos teológicos.

A fé é dom gratuito de Deus dado a todos os que acreditam. Mas a fé também exige uma reflexão para se fazer teologia. A fé é uma proposta divina como dom e uma resposta humana que exige um assentimento pessoal. *A Palavra de Deus é proclamada fidei ex auditu, e é aceita, acolhida através da linguagem humana, assensus fidei et affectus amoris.*

O *auditus fidei* é escuta da fé através da leitura da Palavra e da compreensão dessa pela Tradição.

O *intellectus fidei* é a criação de uma linguagem que possui uma estrutura hermenêutica e uma lógica.

O livro busca o caminho metodológico entre o *intellectus fidei* e a fé que exige uma inter relação entre esses dois fatores. Olhando as Escrituras se percebe o diálogo entre Deus e os seres humanos, tendo como ápice e centro Jesus de Nazaré como Palavra de Deus e resposta humana em sua plenitude.

A Tradição Eclesial procura responder aos desafios da cada época, deparando-se com as heresias e controvérsias em torno da Cristologia e a Trindade.

A Igreja se esmera na linguagem teológica respondendo que-rigmaticamente, apologeticamente às vezes, aos desafios das afirmações teológicas.

O artigo *A fé cristã a partir do dogma niceno-constantinopolitano* é um estudo das heresias e controvérsias que obrigavam os primeiros concílios a teologizarem a fé.

É o esforço da teologia para compreender e explicitar as verdades históricas. O dogma da fé cristológica e trinitária ajudam a compreender o Deus revelado em Jesus de Nazaré.

José Adriano, no artigo *A razoabilidade da fé: Santo Tomás e a escolástica*, mostra o salto qualitativo entre a articulação da fé e a teologia. A fé é assim o hábito da mente pelo qual a vida eterna começa em nós fazendo o intelecto aderir àquele que não se vê (Cfr. S. Th. II. II. Q. 2. 1).

O artigo de Lisaneos Francisco Prates, *Fé e revelação: uma aproximação teológica* mostra que a fé vai além de uma experiência religiosa institucionalizada como um tipo de religião. A fé ultrapassa a religião pois essa não expressa todo seu conteúdo e vai além da elaboração *histórico-doutrinário das religiões.*

Pedro Iwashita, no seu artigo *Feliz aquela que acreditou (Lc 1,45). A fé de Maria como paradigma*, mostra Maria como modelo de fé, paradigma e protótipo de nossa fé.

O artigo *O filho do homem supera os conflitos* de César Teixeira é demonstração de um título cristológica, mostrando a missão, o destino de Jesus no contexto de conflitos e temores!

Osmar Cavaca no artigo *A experiência de fé: discernimento que ilumina e ética que compromete* é o esforço para compreensão da auto-comunicação divina com a chave de leitura de todo o cristianismo.

Esses dois enfoques, auto-comunicação divina e compromisso ético, passam pela compreensão mística que necessariamente por ser humana atinge o comportamento ético.

O artigo *A dimensão social da fé* de Donizete José Xavier é um caminho metodológico para se compreender a dimensão vertical e a dimensão horizontal da fé.

Valeriano dos Santos Costa em *A fé celebrada ou arte de celebrar a fé* evidencia que a fé abrange a celebração e o testemunho. Antônio Manzatto em *Fé como um risco* aborda os riscos da fé no diálogo com modernidade na complexidade da sociedade moderna.

O livro é de grande interesse pois trata de esforço coletivo para se pensar teologicamente a fé. Essa obra é de interesse para os que se iniciam nos estudos teológicos, facultando um estudo e reflexão num diálogo transversal e numa análise crítica. A fé pode e deve ser refletida.

Antônio Carlos Oliveira Souza

Léon-Dufour, X., *O Pão da Vida*. Um estudo teológico sobre a Eucaristia. Petrópolis, Vozes, 2008, 182 pp.

O livro, *O Pão da Vida*, do sacerdote jesuíta e biblista, Xavier Leon-Dufour, é um livro de pesquisa de textos do Novo Testamento, retomando o tema da *partilha do Pão eucarístico* conforme os textos neo-testamentários.

O autor reflete sobre a *Presença de Jesus no Pão e no Vinho*, oferecendo uma compreensão teológico-litúrgica e as conseqüências para a Vida Cristã no cotidiano da Vida. O sentido do *Pão da Vida* nos auxilia a prática cristã pois Ele nos transforma e nos dá uma missão de fraternidade, co-responsabilidade para nossas vidas. A Eucaristia é o centro da vida cristã pois nela se encontra revelado o *Mistério de Fé* que deve ser refletido, meditado e vivenciado, evitando as incompreensões, dúvidas e até incoerências da nossa fé.

Jesus, o Pão da Vida, é um convite para se crer nele e viver dele. O Pão é uma metáfora bíblica que significa a realidade da vida, é o alimento que mostra o essencial do ser humano, alimenta nossa existência concreta.

Como *Pão de Vida*, é o alimento que não está sujeito à morte mas resposta ao sentido profundo do ser humano. A vida, apesar do progresso das ciências, não pode ser criada mas tem uma transcendência divina como dom a ser desenvolvido e partilhado. Essa presença divina não se pode extinguir, é um dom gratuito que provém do próprio Deus-Vivo, a Vida Personificada. Essa vida nos é comuni-

cada em sua totalidade em Jesus Cristo Ressuscitado, o Pão de Vida por excelência que vem dar vida e sentido às nossas existências.

O livro de Xavier Leon-Dufour é ato de compreensão desse *Pão da Vida* presente nas celebrações eucarística como projeto do Senhor que nos convida a se integrar com o *Corpo do Cristo*, desejo de construir um mundo novo de amor, paz e deixar que o *Cristo Vivo* aja em nós.

O livro não é apenas uma reflexão dogmática a partir dos textos escriturísticos do Novo Testamento. É uma proposta exegética de compreender melhor o sentido, o alcance e as conseqüências. A contemplação do texto joanino de IV Evangelho, 6,35-48 nos leva às ações concretas. *Tomai e comei* revela que o Pão da Vida não é uma contemplação estática mas um agir que leva à vida em plenitude.

Recomendamos esse livro para teólogos e estudiosos em textos bíblicos que levam a concretude de vida, exigindo, compromisso, partilha e missão.

Antonio Carlos de Oliveira Souza